



‘SANTOS EM COMISSÃO’, um olhar a partir da trajetória de vida de Antônio Vieira, Andirá Mirim, fronteira Amazonas/Pará¹

**Ronaldo Adriano Ferreira da Silva²
João Marinho da Rocha³**

Resumo

Este texto é fruto de uma pesquisa realizada para conclusão de curso de História (2018), na Universidade do Estado do Amazonas, este recorte discute as imagens projetadas da trajetória de vida do festeiro Antônio Vieira, sobre as práticas sociocultural e religiosa do catolicismo popular no Andirá Mirim, denominada “SANTOS EM COMISSÃO”, com destaque para as homenagens a “Nossa Senhora do Livramento”. A festa de Nossa Senhora do Livramento na Região Andirá-Mirim era realizada do dia 01 a 03 de fevereiro, nas proximidades onde atualmente está localizada a comunidade “Cristo Redentor”. As análises das memórias dão conta que grupos de pessoas denominados de “Comissários” transitavam pelos rios da região com objetivo de arrecadar o que chamavam de “donativos” ou “esmolas”.

Palavras-chave: Memória; Santos em comissão; Andirá Mirim.

1. MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL NO ANDIRÁ-MIRIM. Caminhos da pesquisa

Uma das marcas da construção da pesquisa, da qual este texto é um aspecto, é a nossa relação ontológica com os sujeitos protagonistas da Festa em Comissão, migrantes nordestinos a chegados para Amazônia, no espaço do Andirá-Mirim. A pesquisa situada no campo da história social da cultura se configurou através de entrevistas de História Oral, por meio das quais pudemos registrar suas memórias e experiência de vida, situando suas trajetórias nos

¹Texto destinado ao GT2, “expressões da Folkcomunicação, mídia e Cultura popular”.

²Professor da Rede municipal de ensino de Barreirinha, atuando na Escola Estadual Professora Maria Belém. Licenciado em história pela Universidade do Estado do Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Parintins, UEA/CESP (2018). E Pós-Graduado em Gestão e Organização da Escola com Ênfase em Coordenação e Orientação Escolar pela Universidade Pitágoras UNOPAR /ANHANGUERA (2021). Grupo de Estudos Históricos do Amazonas-GEHA; Núcleo de Estudos Afro-brasileiros-NEAB/ UEA/CESP. ronaldoadrianos650@gmail.com

³Professor Adjunto do curso de História da Universidade do Estado do Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Parintins, UEA/CESP. Grupo de Estudos Históricos do Amazonas-GEHA; Núcleo de Estudos Afro-brasileiros-NEAB/ UEA/CESP; Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e indígenas –NEABI-UFAM; Bolsista de produtividade acadêmica institucional, PORTARIA Nº 108/2021 - GR/UEA, projeto intitulado “RASTROS, conexões para outras histórias negras e quilombolas no Baixo Amazonas: Catalogação e descrição de arquivos - paróquias, cartoriais, familiares, de memória - e jornais (séc. XIX e XX)”; jmdrocha@uea.edu.br / jmrocha.hist@hotmail.com.



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



contextos sociais e históricos. Sobre História social, vale destacar que “[...] a partir de suas concepções e perspectivas que os chamados 'temas malditos', ou seja, quase todos que tratam dos excluídos sociais, sejam pobres, vagabundos, prostitutas, negros, mulheres índios, passam ser importante para o processo da construção historiográfica [...]” (FENELON, 1993, p.75).

Vale destacar que desde, aproximadamente, a década de 1950 “a história social é reivindicada por diversos historiadores em sentido mais restrito, como abordagem capaz de recortar um campo específico de problemas a serem formulados à disciplina histórica” (CASTRO, 1997, p.78). Pensando nisso, por meio da abordagem direta aos sujeitos, objetivamos analisar sobre “a migração nordestina para Amazônia”, na qual analisamos durante 2 (dois) anos para o processo de construção do referido artigo, que está inserido no campo da história social. Com isso, fazendo um mapeamento dos lugares por onde a família Vieira fez seu trajeto até chegar no Andirá-Mirim, localizamos e problematizamos fatos históricos que ao longo dos anos se tornaram imperceptíveis pela sociedade contemporânea.

No interesse de conhecer a trajetória de vida de Antônio Vieira, tomamos conhecimento de dois dos meus parentes, o seu pai José Domingos Belém da Silva, e o seu tio, Benedito Pereira Vieira. As memórias desses sujeitos possibilitaram a continuidade da referida pesquisa, afinal, ela (memória), é um:

[...] trabalho. Como atividade, ela refaz o passado segundo os imperativos do presente de quem rememora, resignificando as noções de tempo e espaço e selecionando o que vai e o que não vai ser “dito”, bem longe, naturalmente, de um cálculo apenas consciente e utilitário. Quem aceita fazer o trabalho da memória, o faz por alguma ordem de razões importantes, dentre as quais estão a busca de novos conhecimentos, a realização de encontros com outros e consigo mesmo, de forma a que os resultados sejam enriquecedores sob o ponto de vista individual e coletivo. A rememoração pode ser um difícil processo de negociação entre o individual e o social, pelo qual identidades estejam permanentemente sendo construídas e reconstruídas, garantindo-se uma certa coesão à personalidade e ao grupo, concomitantemente (GOMES,1996, p.06).

Nesse sentido, a memória dos entrevistados possibilitou a reconstituição de aspectos do conhecimento histórico, sobre a trajetória de vida. É a dimensão da memória



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



[...] que lhe dá limites e demanda reelaboração permanente, vincula-se a um fenômeno que a literatura especializada chama de “trabalho de enquadramento” da memória. Por conseguinte, o enquadramento e a guarda da memória comum se retroalimentam, estando ligados à presença de uma figura especial - porque singular no grupo e porque especializada, que se reconhece e é reconhecida como o guardião da memória. (GOMES,1996, p. 06-07).

Por meio da memória e do diálogo com os filhos, iniciamos a referida pesquisa informando-me sobre os locais onde Antônio Vieira morou com sua família. Através de relatos dos filhos, foi possível reconstruir a trajetória de vida de Antônio Vieira. Assim, “o guardião ou o mediador, como também é chamado, tem como função primordial ser um ‘narrador privilegiado’ da história do grupo a que pertence e sobre o qual está autorizado a falar” (GOMES, 1996, p. 06). O guardião da memória é importante pois traz consigo as narrativas de seus antepassados. Dessa maneira ao entrevistarmos os sujeitos José Domingos Belém da Silva e Benedito Pereira Vieira, obtivemos informações para construção do referido artigo.

A guarda de uma memória comum é fator essencial na formação e manutenção de grupos (de tamanhos e tipos variados), bem como é elemento base de sua transformação. Por isso, não pode sofrer mudanças abruptas ou arbitrarias, sob o risco de desintegrar referenciais fundadores e ameaçar a própria manutenção da identidade do grupo. Esta dimensão da memória, que lhe dá limites e demanda reelaboração permanente, vincula-se a um fenômeno que a literatura especializada chama de “trabalho de enquadramento” da memória (GOMES,1996, p. 06-07).

Os guardiões da memória assumem papel importante em relatar tais acontecimentos, como a vinda dos nordestinos para a Amazônia. Nesse contexto histórico se percebe que são relatos sobre acontecimentos que repercutiram intensivamente na família e na região onde esses sujeitos viveram. Mediante a utilização da metodologia História oral objetivou preparar o roteiro de entrevista para os entrevistados, todos foram primordiais para o processo de construção do artigo.

[...] as fontes históricas orais são fontes narrativas e a análise dos materiais da história oral dever se avaliar a partir de algumas categorias gerais desenvolvidas pela teoria narrativa na literatura e no folclore. Isto é tão



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



verdadeiro no testemunho recolhido em entrevistas livres quanto nos materiais de folclore organizados de modo mais formal. (PORTELLI, 1997, p. 29).

Através das entrevistas conhecemos a trajetória e experiências de vida de Antônio Vieira e sobre a economia e cultura na região Andirá-Mirim. Nas entrevistas pode se conhecer a realidade Andiraense, pois como assevera Portelli (1997, p. 31) as “entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos: elas sempre lançam nova luz sobre áreas inexploradas da vida diária das classes não hegemônicas”.

Entrevistamos pessoas na faixa-etária de 60 (sessenta) anos a 70 (setenta) anos de idade que trabalharam e prestigiaram determinadas comemorações direta e indiretamente com Antônio Vieira, pois “[...]o tempo é uma vivência concreta e se apresenta como categoria central da dinâmica da História” (DELGADO, 2003, p. 09). Os sujeitos ao serem entrevistados relataram lembranças do passado expressando fortes emoções, em parte, por terem vivenciado acontecimentos que na contemporaneidade já não existem ou sofreram transformação. Segundo Portelli (1997, p. 29) “as fontes históricas orais são fontes narrativas. Possibilitando por meio das entrevistas, um lócus de conhecimento sobre o passado, pois ao tomar conhecimento de fatores históricos, se faz necessário contextualizar de maneira cuidadosa a fonte”.

2. DO NORDESTE AO ANDIRÁ-MIRIM, memória de um processo migratório

Através das informações obtidas na entrevista direcionada ao senhor José Domingos Belém da Silva, filho de Antônio Vieira e Maria Nezila Belém Maciel, migrantes Nordestinos, conhecemos a trajetória de vida de Antônio Vieira. Nas palavras de Silva (2014, p. 12) “o nordeste brasileiro durante muitos anos se mostrou e foi mostrado como um grande fornecedor de mão-de-obra para outras regiões do país, especialmente o Norte”. Antônio Vieira iniciou sua vida no interior nordestino, o nome da localidade não foi especificado, porém, afirmava que na região passava por dificuldades para sobrevivência, o que impulsionou a migração para Amazônia.

A família Vieira vivia no nordeste sem-terra própria para trabalhar, nem residência fixa para morar, objetivaram melhoria de vida em outro lugar, ainda criança ele nos contava que juntamente com seus pais viviam em terrenos alheios se sujeitando para arrecadar mantimento para suas próprias



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



sobrevivências, apesar de trabalharem em plantios, criação de animais, porém tudo era dividido com o dono das terras onde moravam e trabalhavam.⁴

Apesar das dificuldades enfrentadas diariamente, faziam suas diversões, como uma maneira de resistência tanto cultural como social. Em relação ao lugar onde moravam no Nordeste, “*era bom, por ser sua terra natal, seu berço, porém difícil porque almejavam ter uma terra para habitar e trabalhar e não tinham*”⁵, uma realidade vivenciada por grande parte dos povo do sertão nordestino, apesar de objetivarem uma melhoria na qualidade de vida e construir seus próprios negócios, não podiam, pois além da vida em condições miseráveis, prevalecia na região a seca e a fome, além de poucos terem terras próprias. Rememoram que seus familiares viviam à custa dos patrões para sobreviverem.

Dos trabalhos exercidos, ganhavam apenas seus pequenos ordenados que mantinham a própria família, eles eram pobres, como mencionado anteriormente. Em suas recordações meu pai falava que apesar de ser uma terra boa, em certos sentidos se tornava difícil porque eles não tinham possibilidade de trabalhar de maneira autônoma, ou seja, não tinham condições para adquirir uma propriedade própria para trabalhar e para viver com seus familiares, característica essa facilitada na Amazônia, especificamente nas regiões pertencente aos municípios de Parintins e Barreirinha.⁶

A vida da família Vieira no Nordeste, segundo os relatos de Sr. José Domingos, era difícil pelas extensivas jornadas de trabalho. Atualmente, denominamos essa condição de “trabalho escravo”. Tais motivos referentes às dificuldades enfrentadas no Nordeste implicaram na migração da família Vieira para Amazônia, levados pelo sonho, pelo pensamento na melhoria de vida e pelas propagandas que eram feitas sobre a região Amazônica.

Nessa época ouve uma propaganda tão grande que abordava que no Amazonas teria bons empregos, e quem viesse para cá não ia se sentir, como eu quero dizer não ia se sentir desprezado né, ia trabalhar, ia ter aonde sobreviver, e

⁴José Domingos Belém da Silva 65 anos, Professor Aposentado, filho de Antônio Vieira. **Entrevista**. 05.02.2018. Barreirinha-AM.

⁵José Domingos Belém da Silva 65 anos, Professor Aposentado, filho de Antônio Vieira. **Entrevista**. 05.02.2018. Barreirinha-AM.

⁶José Domingos Belém da Silva 65 anos, Professor Aposentado, filho de Antônio Vieira. **Entrevista**. 05.02.2018. Barreirinha-AM.



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



eles felizes ficaram porque queriam mudar de terra para uma melhoria de vida, mais no momento sentiam tristeza porque iam deixar o seu torrão de vida onde eles nasceram, mais eles garantindo que com certeza ia ter um bom lugar para viver, eles vieram trabalhar.⁷

A migração de Antônio Vieira, foi por intermédio de seus pais João Freitas e Marcienilia Vieira da Silva. Ainda criança, veio com seus pais para Amazônia, juntamente com outras famílias no transporte da época Navios a vapor, chamados por eles de “Loyds”.

[...] ele contava que os pais dele ficaram curiosos ao saberem que vinham para Amazônia, trabalhar na extração do látex, pois nessa época ouve propagandas sobre bons empregos, terra boa para cultivar, de maneira que remeteu a certos imaginários. Um deles foi de que, quem viesse para a Amazônia não ia se sentir desprezado, de imediato obteria possibilidade de trabalhar, conseguir terras para cultivar e dessa maneira sobreviver. O papai tinha na época 15 anos e ele nos contava que os pais dele ficaram muito satisfeito quando eles souberam quando vinha para Amazônia, para o Amazonas trabalhava na, trabalhava na, na borracha.⁸

Então, Antônio Vieira juntamente com seus pais, ficaram felizes ao saber de sua migração para Amazônia, objetivando melhoria de vida, no mesmo momento sentiram tristeza por deixarem sua terra natal, mas ainda assim foram, pois objetivavam ter um bom lugar para viver e trabalhar. Silva (2014, p.12) disserta sobre as propagandas que mostravam uma determinada realidade para aqueles que objetivavam a melhoria de vida. Segundo a autora, era “difundida pelos meios de comunicação, de forma que circula em todo território nacional, mas é do Nordeste que oriunda um expressivo número de sujeitos dispostos a deixar sua terra natal em busca de novos ares.

2.1 Memórias do Nordeste

O “El dorado”. Assim, *“eles felizes ficaram porque queriam mudar de terra para uma melhoria de vida, mais no momento sentiam tristeza porque iam deixar o seu torrão de vida onde eles nasceram, mais eles garantindo que com certeza ia ter um bom lugar para viver eles*

⁷José Domingos Belém da Silva 65 anos, Professor Aposentado, filho de Antônio Vieira. **Entrevista**. 05.02.2018. Barreirinha-AM.

⁸José Domingos Belém da Silva 65 anos, Professor Aposentado, filho de Antônio Vieira. **Entrevista**. 05.02.2018. Barreirinha-AM.



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



vieram trabalhar.”⁹ “as secas de 1877 e de 1878 deslocaram 19.910 retirantes. Em 1892 as entradas registraram uma migração de 13.559 nordestinos. No triênio 1898-1900, nos portos de Belém e Manaus” (BENCHIMOL, 2009, p.154). Ressaltamos que algumas das nomenclaturas comuns nos textos da escrita dessa obra, já não são utilizados por serem considerados pejorativos aos sujeitos migrantes.

Chegando na Amazônia, especificamente em Belém, a família Vieira percebeu a extensão territorial e diversidade cultural na qual se encontravam. Inicialmente passaram por dificuldades financeiras, sem dinheiro para retornar à sua terra natal, foram obrigados a se adaptar em terras amazônicas. Dessa forma, Antônio Vieira juntamente com seus pais João Freitas e Marcienilia Vieira da Silva viajaram para o município de Parintins.

A experiência da forma de trabalho no Sertão Nordeste, cultivando plantações, criação de animais, foi no Amazonas a sua nova forma de subsistência familiar. Primeiramente trabalharam na Vila Amazônia, em seguida se deslocaram para a região do Aicurapá e posteriormente para o município de Maués, onde obtiveram residência própria, posse de terras, e viveram muitos anos. Nesse período Antônio Vieira chega a fase adulta e se torna independente. Novamente regressa para o município de Barreirinha, onde passa a trabalhar nas usinas de extração de pau-rosa. Segundo as afirmações de Benchimol (2009, p. 156) “o migrante cearense e nordestino percorreu na Amazônia um longo caminho de sofrimento, sacrifício e muito trabalho para, ao final, chegar à ascensão e classificação econômica, social e política”.

Antônio Vieira trabalhou na região pertencente ao município de Parintins e também Barreirinha. Na região de Parintins trabalhou nas usinas que existiam no Aicurapá, já em Barreirinha trabalhou na usina que existia na Região do Andirá-Mirim. “*O papai trabalhou muito em pau rosa. Na época ele trabalhava na, na Ozina Mercês que hoje ela é extinta no Andirá Mirim*”¹⁰. A Amazônia, que em certos momentos da história é inserida numa:

⁹José Domingos Belém da Silva 65 anos, Professor Aposentado, filho de Antônio Vieira. **Entrevista**. 05.02.2018. Barreirinha-AM.

¹⁰José Domingos Belém da Silva 65 anos, Professor Aposentado, filho de Antônio Vieira. **Entrevista**. 05.02.2018. Barreirinha-AM.



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



[...] conjuntura de interesses de cunho privado e capitalista, que de forma 'sedutora' imprime uma postura de dominação e expropriação das riquezas naturais da região. Sem levar em consideração, é claro, os recursos humanos, estes que vão sendo ludibriados e ficando alheios nesse processo. (SILVA, 2014, p. 15).

Característica essa de Antônio Vieira, como trabalhador extrativista, pode explorar a região Andirá onde se fixou nas localidades Andirá-Mirim. Nesse ínterim, o sistema capitalista envolve os trabalhadores num mecanismo onde eles mesmos contribuem para o processo de destruição das riquezas naturais, sem ter consciência exata da dimensão daquilo que estão fazendo.

3. TORNANDO SE FESTEIRO NO ANDIRÁ MIRIM

No período em que Antônio Vieira trabalhou na região Andirá-Mirim na extração de pau-rosa, ele achou na margem do rio Andirá-Mirim, nas proximidades do distrito Barreira do Andirá, uma imagem de santa, e a denominou como Nossa Senhora do Livramento, a mesma desde então passou a ser levada para todos os lugares onde ele fosse trabalhar. Porém, ao formar laço matrimonial com Maria Nezila Belém Maciel, Antônio Vieira entregou a imagem para sua mãe Marcienilha Vieira da Silva, que morava na região Massauari, cuja abrangência geográfica situa-se próxima as aldeias Sateré-mawé, pertencentes ao município de Barreirinhas-AM.

Após habitar, com sua esposa, em sua casa no lugar conhecido como Cabeceira do Camarão, localidade próxima à Comunidade Cristo Redentor e divisa com a Comunidade Nossa Senhora da Conceição, construiu uma casa de trabalho para fabricação da farinha d' água e comércio para suprir a necessidade de seus trabalhadores. Apesar de ser católico, ao tornar-se patrão Antônio Vieira passou a dar menos importância a crença venerada pelos católicos, "guardar o dia de domingo". Trabalhava intensivamente 07 dias semanais, não tinha folga de seus afazeres domésticos. A grande produção de farinha d'água era fabricada com muito trabalho, como falou o filho adotivo de Antônio Vieira, "a gente trabalhava muito com o papai em roça, não parava para nada, não parava os domingos nem sábado, o papai passou a não acreditar mais em santo"¹¹. O relato nos leva a refletir que o lucro financeiro conquistado através

¹¹ José Domingos Belém da Silva 65 anos, Professor Aposentado, filho de Antônio Vieira. **Entrevista**. 05.02.2018. Barreirinha-AM.



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



do trabalho naquele local fez com que Antônio Vieira se assemelhasse a seus ex-patrões das usinas por onde trabalhou. Entretanto, o relato abaixo nos conta o motivo de Antônio Vieira Torna-se festeiro:

Certo dia o papai estava trabalhando na lavoura em pleno domingo, e de repente ele foi surpreendido por um grande tremor na terra seguido de um barulho céu, como se fosse haver uma explosão. Ele me falou que todos os trabalhadores que estavam ao seu redor ficaram espantados, pensando que fossem morrer. Imediatamente encerraram o trabalho que estavam fazendo, foram para sua casa, ao chegarem em casa o papai reuniu toda a nossa família juntamente com seus trabalhadores e disse: a partir daquele momento não iria mas trabalhar durante os sábados e nem o domingos como sinal de respeito. Em agradecimento pelos dons e prosperidades alcançadas, se tornaria festeiro em honra à Nossa senhora do Livramento. Foi uma promessa feita perante a nossa família. Enquanto fosse vivo festejaria, doando comes e bebes para todos aqueles que almejassem participar de sua festa. Mandou buscar a imagem que tinha encontrado na margem do Rio Andirá, a mesma estava em posse de sua mãe, minha vó Maçunilha.¹²

Essa característica de se tornar Festeiro se assemelha a grande maioria dos donos de “Festa de Santo”, devido graças alcançadas, salvamento ou objetivando prosperidade em suas plantações ou colheita, sendo majoritariamente agricultores, afinal, “os santos protegem a comunidade e asseguram o bem estar geral. Seus favores e sua proteção obtém através de promessas e orações que propiciam sua boa vontade” (GALVÃO 1976, p.05).

A festa de Nossa Senhora do Livramento na Região Andirá-Mirim era realizada do dia 01 de fevereiro até dia 03 do mesmo mês, nas proximidades onde atualmente está localizada a comunidade Cristo Redentor, distante 20 minutos de rabeta da supracitada comunidade. Na época formavam grupos de pessoas denominados de Comissários para saírem na região com objetivo de arrecadar donativos ou esmolação para ajudar nas despesas da festa, esse ato festivo se repetia todos os anos, com os mesmos rituais, envolvendo as chamadas Comissões, fato esse que motivou chamarem na Região Andirá-Mirim “Santo em Comissão”. Festejado e venerado pelos povos amazônicos, cada festeiro venerava um santo (a), ou adotava como protetor, caso de Antônio Vieira, sua santa e protetora Nossa Senhora do Livramento.

¹²José Domingos Belém da Silva 65 anos, Professor Aposentado, filho de Antônio Vieira. **Entrevista**. 05.02.2018. Barreirinha-AM



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



Da pequena adoração a imagem, passou a ter proporções maiores, das pequenas rezas composta por ladainha, pai nosso e uma ave Maria, ritual esse que era praticado por alguns moradores das adjacências, passou a somar cada vez mais. Quando o movimento religioso tomou proporções maiores, o povo se reuniu a comando do papai Antônio que era o dono da imagem de Nossa Senhora do Livramento, para buscar meio de suprir a necessidade durante as festa, então faziam o chamado puxirum, que era uma maneira de formar grupos de pessoas para executarem certos trabalhos braças.¹³

3.1 O Santo Festejado

Como toda festa tem seus custos financeiros, na época em que se festejavam em honra à Nossa Senhora do Livramento era difícil conseguir patrocínios, como na atualidade se consegue através do Estado ou da Iniciativa Privada. Antônio Vieira passou a ser protagonista no que tange à festa, optando por cultivar roça, plantação de mandioca para extrair seus derivados, objetivando ajudar nas despesas festivas. Galvão (1976, p. 13) elucida que “o principal produto cultivado é a mandioca, variedade chamada comumente ‘brava’, que se presta melhor para o fabrico da farinha-d’água, o alimento básico”. Antônio Vieira utiliza o puxirum como maneira de fluir esse objetivo a ser idealizado, tanto no manejo da mata ao se fazer roçado para o plantio de maniva (mandioca), arroz, cara, dentre outras espécies de cereais e tubérculos que eram cultivados nesses plantios. A característica administrativa do trabalho era bem organizada, os homens trabalhavam no manejo do roçado, e na colheita transportando a mandioca. O papel das mulheres era de suma importância, trabalhavam tanto na plantação quanto na preparação da mandioca para fazição da farinha d’água. Três meses era tirado para trabalhar em prol da festa.

Foi criado datas definidas para que pudessem trabalhar especificamente em prol da festividade, sem que pudesse causar transtorno na véspera, o mês de outubro à final de janeiro, tudo era com a mesma finalidade, se fazia farinha de tapioca, biscoito, dentre outros alimentos, limpavam o porto por onde as embarcações iam ancorar, o barracão ia ser renovado tanto a cobertura como

¹³José Domingos Belém da Silva 65 anos, Professor Aposentado, filho de Antônio Vieira. **Entrevista**. 05.02.2018. Barreirinha-AM.



III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022



o piso, a casa ia ser pintada ou reformada, dentre outras coisas que era feita de maneira organizada.¹⁴

Formava-se grupo de trabalho e cada grupo era responsável por formas de trabalhos diferenciados. “O ‘puxirum’ mais parecia festa do que trabalho, por tão grande animação da parte dos trabalhadores”¹⁵. Em relação à festa de Nossa Senhora do Livramento, sempre bem ajudada e com muita participação, devido as pessoas venerarem e respeitarem os santos (imagem).

Galvão (1976, p. 29) explica que “a devoção individual ou da comunidade se faz sentir sobre os santos, ou mais explicitamente sobre as imagens desses santos”. As pessoas que participavam direta e indiretamente da festa de Nossa senhora do Livramento eram devotas, promesseiros. Se doavam para participar das comissões grupos de pessoas que saiam com objetivo de arrecadação de mantimentos (donativos) para festa, em suas idas lançavam convite para a festa.

3.2 O Rito para Esmolação

A embarcação na qual a comissão se deslocava, denominava “igarité” meio de transporte grande movido à remo, “o único meio de transporte é a canoa a remo” (GALVÃO 1976, p.26). Em relação ao transporte da comissão de Nossa Senhora do Livramento “era conhecida como ‘Grafira’, ela aguentava todos os comissários da comissão”¹⁶. A embarcação era guiada especificamente por dois sujeitos denominados de pilotos, essas duas pessoas conduziam o percurso durante a trajetória da comissão. Em sua chegada nas residências, a comissão fazia seu ritual, com o toque do gambá, caracaxá instrumento feito de bambu e reco-reco acompanhado pelo coro dos Comissários e por parte dos moradores da casa onde faziam suas visitas. Galvão (1976, p. 41) ressalta que os instrumentos “[...] são guardados com especial carinho e respeito. Crianças e indivíduos inexperientes não podem manejá-los. Os foliões, como os empregados, não recebem qualquer pagamento, porém durante a viagem alimentos e bebidas

¹⁴Benedito Pereira Vieira 72 anos, vigilante aposentado, residente domiciliado em Parintins, filho adotivo de Antônio Vieira, ex-morador da região Andirá-Mirim. **Entrevista**. 24.05.2017/ 2018. Parintins-AM.

¹⁵Benedito Pereira Vieira 72 anos, vigilante aposentado, residente domiciliado em Parintins, filho adotivo de Antônio Vieira, ex-morador da região Andirá-Mirim. **Entrevista**. 24.05.2017/ 2018. Parintins-AM.

¹⁶Benedito Pereira Vieira 72 anos, vigilante aposentado, residente domiciliado em Parintins, filho adotivo de Antônio Vieira, ex-morador da região Andirá-Mirim. **Entrevista**. 24.05.2017/ 2018. Parintins-AM.



III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022



lhes são fornecidos”. A imagem da santa era tratada de maneira respeitosa, quando a comissão chegasse no porto do devoto, esses sujeitos deixavam suas tarefas domésticas e iam adorar Nossa Senhora do Livramento.

As comunidades percorridas pela comissão, era freguesia do Andirá, lago grande, na ‘vorta’ ‘passavo’ pela barreira do Andirá, outras comunidade não, não existia, é pelo motivo de não existir no período, eram lugares com alguns moradores. quando era, ‘chegavu’ dia 1^a de fevereiro cum a imagem de nossa senhora do livramento, ao chegarem ‘erum’ recebido com festejo, cantiga acompanhado de gambá, tamburinho. Depois suspendia o mastro, matava porco, boi e tudo.¹⁷

Nas idas e vindas da comissão à casa do festeiro não pode haver desrespeito entre os comissários, caso acontecesse transgressões, o comissário era submetido à castigo “a forma mais simples de castigo é a advertência em público, através da quadra de punição, versos cantados pelo mestre e coro que aludem à falta e ridicularizam o indivíduo, que é obrigado manter-se ajoelhado sob a bandeira da folia” (GALVÃO 1976, p.42).

Após a chegada da Comissão de Nossa Senhora do Livramento na casa de Antônio Vieira, ornamentavam e levantavam o mastro. “*E se fazia o mastro, bem na frente da casa grande fazia o mastro, no lado era o barracão grande, o barracão tinha um parapeito de palha, naquele tempo era palha, e era palha de inajá*”¹⁸, no mastro era colocado carne, bombons, banana, farinha, biju-d’água, biju-pé-de moleque, macaxeira, abacaxi e próximo ao topo do mastro, próximo a uma bandeira com o lema paz e amor, era colocado dinheiro e bebidas alcoólicas como a cachaça, com intenção de fazer alguém tocar na bandeira, pois aquele que tocasse seria o Juiz do próximo ano festivo. No último e terceiro dia, pela parte da manhã, o mastro era derrubado, sobre responsabilidade do Juiz da festa, sujeito esse que tinha a responsabilidade de chamar o nome dos mordomos para a derrubada do mastro, após a derrubada eram doados comes e bebes para todos presentes.

¹⁷Benedito Pereira Vieira 72 anos, vigilante aposentado, residente domiciliado em Parintins, filho adotivo de Antônio Vieira, ex-morador da região Andirá-Mirim. **Entrevista**. 24.05.2017/ 2018. Parintins-AM.

¹⁸Benedito Pereira Vieira 72 anos, vigilante aposentado, residente domiciliado em Parintins, filho adotivo de Antônio Vieira, ex-morador da região Andirá-Mirim. **Entrevista**. 24.05.2017/ 2018. Parintins-AM.



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



3.3 O dono da festa de santo

A festa de Antônio Vieira e sua esposa Maria Nezila, reunia devotos de várias comunidades, tanto do Paraná do Ramos, rio Andirá quanto da região do Aicurapá. Para gerar lucros em transparências, era colocada vendas, conhecidas como botecos e “*arrumava pessoas de confiança como ajudante, não como funcionário, antes não se pagava em dinheiro*”¹⁹. As pessoas que trabalhavam nesse local geralmente tinham algum grau de parentesco, aí incluíam primos, sobrinhos, cunhados, entre outros. E entre os produtos vendidos estavam: cigarro, bombons e cachaça, tudo revertido como lucro para Antônio Vieira, que não permitia colocar vendas particulares. As pessoas que ajudavam nas vendas, apenas recebiam gratificação como carteira de cigarro, em certos momentos bebida alcoólica (cachaça), mas o intuito maior dos envolvidos era ajudar a festa e o dono da festa.

A programação noturna iniciava com a tiração de ladainha em latim, em seguida servia-se o jantar, “[...] *faziam oração, reza, rezavam todo ritual que eles tinham o ritual, depois disso faziam a cobertura do santo, do santo o pessoal iam dançar*”²⁰. Os instrumentos utilizados eram: violino, banjo, gambá, tamburinho e saxofone. Os músicos mais conhecidos da época eram Sebastião Henrique Valente e Ideocléssio Belém, morador na supracitada localidade, e da região do Rio Uaicurapá, Mercindo Cavaco. Durante a noite, a programação da festa dançante era dividida em dois momentos, o primeiro iniciava com o som do violino, cavaquinho e gambá, no segundo momento, a partir das 23 horas, entrava o saxofone para fazer o fechamento da festa até às 8 horas da manhã.

Tudo o que sobrasse das arrecadações no encerramento da festa, era doado para as pessoas ali presentes. Essa festividade comemorada por Antônio Vieira prevaleceu durante todo período de sua vida. Desapareceu na região Andirá-Mirim por diversos motivos, porém, o maior deles foi a institucionalização das comunidades, quando os padres passaram a proibir os Festejos de Santos, bem como as saídas em comissão.

¹⁹Benedito Pereira Vieira 72 anos, vigilante aposentado, residente domiciliado em Parintins, filho adotivo de Antônio Vieira, ex-morador da região Andirá-Mirim. **Entrevista**. 24.05.2017/ 2018. Parintins-AM.

²⁰Benedito Pereira Vieira 72 anos, vigilante aposentado, residente domiciliado em Parintins, filho adotivo de Antônio Vieira, ex-morador da região Andirá-Mirim. **Entrevista**. 24.05.2017/ 2018. Parintins-AM.



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo foi motivado pelo fato de ser neto de avós paternos, Antônio Vieira e Maria Nezila, migrantes nordestinos que na região Andirá-Mirim se fixaram e tornaram-se festeiros. Ao analisar os motivos das saídas do Nordeste, evidenciou-se seus processos migratórios para Amazônia, compreendendo as decisões de migração como sendo influenciada por sentimento e desejo de mudança e novas perspectivas de vida. Nisso, muitos nordestinos vieram para a Amazônia com esperanças e compreendendo esse espaço como um lugar de recomeço.

Percebemos que a característica migratória de dezenas de nordestinos foi por motivos das propagandas sobre a região Amazônica. Neste sentido, tendo que se adaptar culturalmente até chegar a ascensão, caso de Antônio Vieira de empregado a patrão na região Andirá-Mirim

E nesse contexto um aspecto importante na dinâmica da migração que deve ser ressaltado é a diversidade cultural que compreende desde os hábitos cotidianos, até as representações simbólicas de cada região, as mesmas características trazidas com a famílias Vieira e inúmeros Nordestinos achegado na Amazônia, essas culturas são hibridadas, configurando aspectos socioculturais contemporâneos que informam sobre diversas imagens e paisagens humanas, sociorreligiosas do Andirá Mirim.

FONTES ORAIS

SOUSA, Luiz Alvez de. 84 anos. Ex-comissário, encarregado de Santo. **Entrevista**, realizada em 2017.

SILVA, José Domingos Belém da. 65 anos, Professor, descendente de nordestino. **Entrevista**, realizada em 2018.

VIEIRA, Benedito Pereira. 72 anos, ex-morador da supracitada região, aposentado. **Entrevista**, realizada em 2017.

REFERÊNCIAS

BARROS, José D'Assunção. História, região e espacialidade. In.: **Revista de História Regional** 10(1): 95-129, Verão, 2005.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: Formação Social e Cultural. 3ª ed. Manaus: Valer, 2009.



**III Jornada Pan Amazônia de Folkcomunicação
V Encontro de Comunicação de Parintins
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 20 a 22 de junho de 2022**



CASTRO, Hebe. História Social. 1997. In. CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da história: ensaios de teorias e metodologias**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades**-HISTÓRIA ORAL, 6, 2003, p. 9-25

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FENELON, Déa Ribeiro. Cultura e história social: Historiografia e pesquisa. **Proj. história**, São Paulo, (10), dez 1993.

GALVAO, Eduardo. **Santos e visagem: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas**. 2. Ed. São Paulo Ed. Nacional: Brasília, INL, 1976.

GOMES, Ângela de Castro. A guardiã da memória. **Acervo** - Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v.9, nº 1/2, p.17-30, jan./dez. 1996.

KOHLHEPP, Gerd. Conflitos de interesse no ordenamento territorial da Amazônia brasileira. **Estudos Avançados 16** (45), 2002. p. p. 37-61.

LOUREIRO, Violeta Refkalefstky. **“Amazônia uma história de perdas e danos, um futuro a (re)construir”**. Dossiê Amazônia Brasileira. *Estudos Avançados* – USP, São Paulo, vol. 16, nº 45, Mai/Ago. 2002. p. p. 101-121.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Comunidades “no sentido social da evangelização”: cebs, camponeses e quilombolas na Amazônia oriental brasileira- **Religião e Sociedade**, *Rio de Janeiro*, 30 (2): 13-37, 2010.

MAUÉS, Heraldo Raimundo. **Outra Amazônia: os Santos e o Catolicismo Popular**. *Norte Ciência*, vol. 2, n. 1, p. 1-26 (2011).

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história Oral diferente. **Proj. história**, São Paulo, (14), fev. 1997.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Proj. História**, São Paulo, (15), Abr. 1997.

SILVA, Patrícia Regina de Lima: **Memórias de Mulheres Nordestinas na Parintins dos anos de 1950-1970**. Parintins, TCC História, UEA, 2014.

TAVARES, Ananda Roberta Nunes. **“JOÃOS, JOSÉS E MARIAS”**: Experiências e Trajetórias de vidas entre o Nordeste e a Amazônia (1960-2000) UEA, 2017.